

O GRANDE SUCESSO

Diego Fortes (2016)

Um coelho cor-de-rosa e um urso amarelo terminam de entregar os programas do espetáculo. O coelho vai até o palco/coxia, volta com uma garrafa de água. O urso está sentado no proscênio. O que volta se senta ao lado dele e remove a cabeça de coelho.

NERO - E aí?

MARCO - (também remove sua cabeça de urso) Tudo bem?

NERO - Tudo certo, e você?

MARCO - Mais ou menos.

NERO - Que houve?

MARCO - Tem uns dias aí que eu tô sentindo uma coisa estranha quando eu engulo.

NERO - Tá com dificuldade de engolir?

MARCO - É mais como um caroço.

NERO - Caroço?

MARCO - Meio empelotado, sabe?

NERO - E dói?

MARCO - Só quando eu engulo, olha. Pega aqui. (faz gesto para que o outro pegue em seu pescoço)

NERO - Eu não quero pegar aí, não.

MARCO - Pra você sentir o meu caroço.

NERO - Mas eu não sou médico!

MARCO - Para de frescura, pega aqui. (puxa a mão do outro e engole) Sentiu?

NERO - Não sei. Faz de novo.

MARCO - (engole e geme) Ã...

NERO - Tá doendo?

MARCO - Nã... Sacanagem.

NERO - De qualquer forma, acho que você deve ir ao médico.

MARCO - Você acha que é sério?

NERO - Acho que pode ser.

MARCO - Acha mesmo?!?

NERO - Ou pode não ser nada também... Mas tem que dar uma examinada nesse negócio aí.

MARCO - É, né? (confessional) Tô com um pouco de medo.

NERO - Fica assim, não, cara.

MARCO - É, mas tô.

NERO - Fica assim, não, cara.

MARCO - Minha família tem histórico de câncer...

NERO - Jura?

MARCO - Juro.

NERO - Foda.

MARCO - Foda.

NERO - Você fuma?

MARCO - Não, mas como muito.

NERO - Acho que tem mais a ver com genética. Se a sua família já tem histórico...

MARCO - Tem...

NERO - Então.

MARCO - Você conhece alguém pra me indicar?

NERO - Tipo um médico?

MARCO - É.

NERO - Uma tia minha teve câncer. Posso ver quem era o médico dela.

MARCO - Vê isso pra mim?

NERO - Como era o nome dele? Começava com uma dessas letras diferentes... K... ou Y... ou W... Minha mãe deve saber.

MARCO - E ela tá bem?

NERO - Minha mãe tá ótima.

MARCO - Não, sua tia.

NERO - Ah. Morreu...

MARCO - Quer saber? Deixa pra lá.

NERO - Não quer o nome do médico?

MARCO - Ah, eu dou uma pesquisada na internet.

NERO - Certeza?

MARCO - Arrãm...

NERO - W!

MARCO - O quê?

NERO - O nome do médico. Começava com W...

MARCO - Ah.

NERO - Mas não lembro o sobrenome...

MARCO - Não tem importância.

NERO - Imagine que profissão terrível, né? Ter que lidar com a morte o tempo todo.(percebendo)
Ai, desculpa.

MARCO - Pelo quê?

NERO - Pelo... pelo seu câncer...

MARCO - Mas eu ainda não sei se é câncer!

NERO - Ah, mas tá com cara.

MARCO - Você não é médico!

NERO - De qualquer forma, desculpa.

Tempo.

MARCO - Será que já tá na hora?

NERO - Acho que sim. Vamos?

MARCO - Bóra.

Os dois se levantam e vão para o camarim.. A “coxia” está vazia a não ser por um pianista usando um fone de ouvido e ensaiando freneticamente ao piano. Entra uma atriz apressada e acende as luzes da penteadeira. O piano continua. Chegam outros atores, alguns com pressa, outros nem tanto. Aos poucos a cena se esvazia novamente. O pianista não para de tocar.

De repente ouvimos apenas o som de um grito e uma queda. Um Homem bala cai sobre o colchão de ar. Uma poeira se levanta no ar.

Silêncio . O Homem bala se levanta.

Uma atriz entra, para diante do pianista e faz sinal para ele tirar o fone e diz:

CAROL - Vai começar de novo!

FABIO - Já?

CAROL - Agora!

O pianista se levanta apressadamente, “veste” o acordeon e ele e a atriz saem pela direita onde temos grandes pernas cenográficas. A “coxia” permanece vazia por alguns instantes. Logo, ouvimos o som de uma banda tocando desse lugar à direita. A banda entra em bloco com passos curtos e ritmados. Estão todos desanimados até o ponto em que entram completamente na “coxia” quando então assumem se alegram.

MÚSICA: NO LADO DE LÁ

(Alexandre Nero / Edith de Camargo)

No lado de lá

Tem sempre sol

Tem gente linda de olhos azuis

E pele bronzeada

Sempre aplaudida e reverenciada

No lado de lá
A vista é linda
O mar é limpo
E os dentes todos brancos são
Creme dental
Do comercial

No lado de cá do limbo
A gente só se fode
A gente se dá mal
Não ganha nenhum edital

NO lado de cá na zona
A gente toca à noite
E ganha cem real
Completa o aluguel com esse musical

Assim que a música acaba volta o clima de apatia e de tédio e se espalham pelo espaço cumprindo atividades banais para se distraírem. Carol pega seu violino e pratica sozinha. Faz questão de tocar sozinha olhando barba para quem tenta acompanhá-la.

MÚSICA: SE BEBER É UM PECADO (Carol Panesi / Diego Fortes)

Na idade avançada,
já não se vê direito,
não se ouve direito,
não se equilibra direito,

Na velhice, a jornada é passada
como se bêbados estivéssemos,
embriagados ficássemos,
alcoholizados permanecêssemos.

Eu bebo desde já
para ir me acostumando,

**caindo e levantando,
vendo tudo embaçado.**

**Tenho medo que Deus me puna
fazendo-me passar
toda a velhice sóbrio
se beber é um pecado.**

Eliezer encosta no violino dela no fim da música.

CAROL - Não toca no meu violino. (ele volta a tocar)(berrando) Não! Toca no meu violino...

Depois de um tempo, alguém comenta:

LÁ

NERO - Meio vazio lá fora hoje, né?

RAFAEL - "Lá fora"?

NERO - Meio vazio, não achou, não?

RAFAEL - Você não quis dizer "lá dentro"?

NERO - Não. "Lá fora". "Lá dentro" faz parecer que nós estamos do lado de fora.

RAFAEL - Mas nós estamos do lado de fora.

NERO - Não. "Lá fora", "lá fora" mesmo é um lugar muito grande. (aponta para a esquerda) "Lá fora" tá cheio de gente. Cheio de gente! O que não falta é gente "lá fora". (aponta para a direita) Agora, "lá dentro" tá meio vazio. Nós estamos "aqui" dentro.

RAFAEL - Nós não estamos em lugar nenhum porque este lugar não existe. Isso aqui é um não-lugar.

NERO - Não-lugar...

RAFAEL - (apontando para a direita) A gente pode chamar de "lá dentro" para falar de onde eles estão...

MARCO - (interrompendo) Se bem que hoje tá meio vazio...

RAFAEL - (retomando) ...de onde hoje está meio vazio e (apontando para o chão) "aqui fora" para falar de onde nós estamos.

NERO - Ou não estamos.

RAFAEL - Não, não, nós estamos. Porque existimos. O que não existe é esse lugar.

NERO - Esse lugar não existe?

RAFAEL - Não, ele está no meio do caminho de existir: ele não é a vida real, mas ainda não é a ilusão.

NERO - Você tá a tanto tempo nesse lugar que tá maluco. Onde é que nós estamos então?

RAFAEL - Nós estamos “aqui fora”. Desse não-lugar... No limbo, se você preferir.

ELIEZER - (reflexivo) É verdade...

RAFAEL - (assustado) Quem é você?!?

ELIEZER - Eu? (assumindo uma pose) Eu sou o filho, o messias, o cordeiro, e em verdade vos digo: Bem-aventurados sejam os mansos, pois eles herdarão a terra. Não deveis vos preocupar com o sucesso terreno, pois o fracasso corrói a arrogância e convida o divino.

RAFAEL - Maluco!

ELIEZER - Não julgueis...

FOTÓGRAFA 1

Atriz entra em cena com uma câmera fotográfica. Super animada, para na frente de alguns e pede para que posem para a fotografia. Fala francês. Logo, passa a formar duplas e trios. Todos apáticos até o momento do clique quando então sorriem efusivamente. Ela exige uma foto do grupo todo. Tira três fotos.

MÚSICA: JE N’OSE PAS RÊVER

(Edith de Camargo)

Je n’ose pas rêver

Je n’ose pas te dire que je t’aime

Il n’y a que deux semaines

J’ai mis mes pieds sur cette terre

Mon cœur est déchiré

Par un océan immense

Je ne sais pas de quel côté

Je danse...

Edith Piaf et Tom Jobim

Veulent chanter en même temps

Entre la joie et ma mélancolie

Je cherche la liberté

Je n’ose pas rêver

Je n’ose pas te dire que je t’aime

Il n’y a que deux semaines

J'ai vu la chaleur dans tes yeux

Mon cœur est déchiré

Par un sentiment immense

Je ne sais pas de quel côté

Je danse...

Chico Buarque et Barbara

Veulent chanter en même temps

Entre la joie et ma mélancolie

Je cherche la liberté

QUE PEÇA É ESSA?

NERO - Como é mesmo o nome desse espetáculo?

RAFAEL - Você não sabe o nome do espetáculo que você tá fazendo?

NERO - (sem muita segurança) Claro que eu sei o nome...

RAFAEL - Ah, bom!

NERO - Sei, claro que eu sei... (disfarçando) Não vou saber? Imagina!

RAFAEL - Você quase me assustou agora.

NERO - O que eu não sei é o nome da obra original na qual o espetáculo foi baseado.

RAFAEL - Ah...

Tempo: os dois se olham em dúvida.

NERO - Então?

RAFAEL - (arriscando) É Édipo Rei, né?

NERO - Putz... Jurava que era Hamlet.

RAFAEL - Que que tem a ver esses coelhinhos cor-de-rosa com Hamlet?!?

NERO - Que que tem a ver esses coelhinhos cor-de-rosa com Édipo Rei?

RAFAEL - (concedendo) Tem razão.

NERO - As duas não são meio que a mesma coisa?

RAFAEL - Claro que não!

NERO - Não são duas peças em que o cara quer comer a mãe?

RAFAEL - Sim, mas em uma, o cara come a mãe; na outra, o cara quer comer a mãe, mas não come.

NERO - E, aí, ele morre?

RAFAEL - Péra, em qual das duas?

NERO - Nas duas.

RAFAEL - Não, ele se mata na que ele não come a mãe.

NERO - Calma, até onde eu sei ele não se mata, ele é assassinado.

RAFAEL - Há controvérsias! Há quem diga que ele sabia que ia morrer.

NERO - Mas isso tá no texto?

RAFAEL - Não, mas meio que tá implícito...

NERO - Bróder, ou tá ou não tá!

RAFAEL - Fica no ar...

NERO - Essa história de "fica no ar" me mata! Porque é que o cara já não diz, de forma clara, o que acontece na peça dele?

RAFAEL - Porque é mais artístico.

NERO - (desdenhando) Mais artístico... E na outra?

RAFAEL - Na outra, ele não morre, mas fica cego.

NERO - Péra, o cara que não come a mãe morre, e o cara que come a mãe só fica cego?

RAFAEL - Isso.

NERO - Era melhor ele ter comido a mãe então... Nesta peça, o cara morre ou fica cego?

RAFAEL - Não sei, sempre vou ao banheiro nessa parte.

NERO - Você nunca viu o final da peça?

RAFAEL - Eu não entro em cena nessa parte. Eu não tô.

NERO - Você nunca viu nem por curiosidade?

RAFAEL - Ah, esta peça é muito longa! E sempre me dá vontade de ir no banheiro a essa altura.

NERO - Longa e confusa...

RAFAEL - Porra, confusa pra caralho!

NERO - Esses coelhinhos...

RAFAEL - Pois é!

Tempo.

RAFAEL - (como se lembrasse de algo) Você sabia que a tragédia grega foi concebida para ensinar que deveríamos ser mais compreensivos com o fracasso dos outros?

NERO - Como é?

RAFAEL - (sofismando) Veja Édipo, por exemplo. Édipo era um rei admirado, um homem forte, capaz, provido de recursos e habilidades. Édipo havia salvado seu povo, matado a Esfinge e conquistado o posto de rei. Mesmo assim, um fracasso.

A maldição que recai sobre Tebas é fruto do seu incesto involuntário.

Rafael passa a cantar e vai até o público cantando, olhando as pessoas no olho e estendendo a mão a eles.

MÚSICA : FRACASSO ABISMAL

(Diego Fortes / Rafael Camargo)

“Ele arruína sua vida de forma catastrófica, acaba cego e sua mãe se mata.

Fracasso abismal!”

Mas ninguém vai embora achando Édipo um fracassado

As pessoas se apiedam e percebem que coisas ruins podem acontecer

E frequentemente acontecem na vida de pessoas boas

Muitas vezes

E Frequentemente acontecem na vida de pessoas boas

“A tragédia nos torna compreensivos” bis

A tragédia nos permite experimentar a compaixão pelo fracasso

Nos ajuda a enxergar nosso moralismo e a ilusão de superioridade

Nos permite vivenciar uma empatia que a vida moderna evita

“A tragédia existe para que possamos sentir medo e tristeza, pela pequena e limitada compreensão que nós temos de nós mesmos e do quão grandes e catastróficas podem ser as consequências de nossas ações”

Parar de sermos tão julgadores /e vingativos com o fracasso alheio

Mostrar que nossa expectativa de sucesso/ não não é realista

Olhar com olhos de generosidade/ as tolices e os erros

“Por que são parte da nossa natureza falha.

Perceber que todos somos obrigados a viver sem saber como!

Ninguém existe de propósito, ninguém pertence a nenhum lugar e todos nós vamos morrer! A memória é muito curta.....”

Ele retorna ao palco. A música acaba.

NERO - E é isso que acontece no final dessa aqui?

RAFAEL - Ah, não sei!

Tempo: todos se olham com uma cara de “sei lá”

NERO - Calma, mas péra lá. Ninguém aqui viu o final deste espetáculo?

RAFAEL - É que só entram os protagonistas, né? E o resto do pessoal sempre tá exausto lá pro final.

NERO - Também, pra quê fazer uma peça de quatro horas? Francamente...

RAFAEL - Ué, se o que cara tem pra dizer tem quatro horas, ele vai fazer uma peça de quatro horas.

NERO - Na boa: se o que o cara tem pra dizer tem quatro horas, ele precisa trabalhar o poder de síntese dele.

RAFAEL - Também acho.

NERO - Não tem nada que se diga em quatro horas que não se possa dizer em... três horas e meia.

RAFAEL - Teu problema é com a última meia hora então?

NERO - (impaciente) Meu problema é com o meu sono, com o meu saco cheio, minha preguiça. E a minha solução é minha cama. Sabia que, às vezes, eu nem me lembro do que eu fiz em casa? Ou até se eu fui pra casa! Só me lembro de estar aqui, nesse não-lugar: uma sessão atrás da outra, uma sessão atrás da outra, uma sessão atrás da outra...

RAFAEL - Porra, sabe que eu também? Não me lembro do que eu fiz ontem, por exemplo...

ELIEZER - (tentando entrar na conversa) Sabe que eu também?

RAFAEL - Quem é você?!?

ELIEZER - Eu? (fazendo a pose) Eu sou Napoleão e decreto um novo regime. O sucesso não irá mais apenas para os membros de uma aristocracia velha e corrupta. Mas para todos aqueles que demonstrarem talento! O fracasso não terá mais desculpa!

RAFAEL - Maluco...

ELIEZER - E eu chamarei de Meritocracia! (passa por Nero) Sabia que eu tenho câncer?

Ninguém dá bola. Ele volta a se isolar.

NERO - Ainda bem que só falta mais uma hora pra acabar...

RAFAEL - Graças ao bom deus!

NERO - Vo ficar ligado hoje pra ver como é que acaba.

Tempo.

FERNANDA - A gente tem entrada logo?

RAFAEL - Deixa eu ver. (olha pro Palco) Ainda tem um tempo.

FERNANDA - Então a gente podia ensaiar a outra peça.

NERO - Podia mesmo.

FERNANDA - (para todos) Gente, vamos aproveitar esse tempo pra dar uma ensaiadinha? Nós não estamos fazendo nada...

MARCO - Tem razão. Boa ideia.

Enquanto preparam o ensaio, comentam:

RAFAEL - Essa, sim, vai dar certo!

NERO - Né?

RAFAEL - Com certeza!. É um trabalho muito mais... muito mais...

FÁBIO - (completando) Muito mais comunicativo.

RAFAEL - Comunicativo! Achou a palavra.

NERO - Um trabalho que se comunicaa com o público. Não fica fazendo pose de cult.

RAFAEL - É! Não tem esse bando de coisa sem pé nem cabeça.

NERO - Não tem esses coelhinhos.

RAFAEL - Porque esta aqui (aponta para o Palco), no começo... lá no comecinho... no começo, tinha público. Enchia a casa.

NERO - Sim, mas daí é fácil, né?

RAFAEL - Sim, daí é fácil. Com ator famoso e coisarada, qualquer um, né?

NERO - Sim, qualquer um. Com o cara que fez papel do Imperador lá...

RAFAEL - Não era Desembargador?

NERO - Sei lá! Imperador, Desembargador... Daí, também pode ser qualquer texto.

RAFAEL - Sim, qualquer texto.

NERO - Sim, pode ser uma tragédia grega com umas fantasias de carnaval, uns dinossauros, que vai dar certo.

RAFAEL - Sim, no começo, vai.

NERO - Sim, o negócio é continuar tendo público por mais tempo.

RAFAEL - Sim, mais tempo. Se manter lá em cima, né?

NERO - Sim, porque uma peça que vai ter público só no comecinho não sei nem se dá pra chamar de sucesso...

RAFAEL - Sim... Tudo pronto? Podemos começar?

FERNANDA - Quando vocês quiserem.

RAFAEL - Então, atenção. Vai! Pode começar! Pode ir!

O URSO 1

Com os recursos que eles têm à disposição, eles armam uma mini plateia. Todos vão para os seus lugares. Uma atriz é iluminada por alguns refletores que estão na própria "coxia" preparados para este ensaio. Ela começa:

FERNANDA - (desespero ensaiado na voz) Eu me lembro com nitidez do exato momento em que meu coração foi arrancado de mim. Era uma manhã fria de agosto. Você acordou, virou para o

meu lado e me disse que tudo havia acabado, que o amor tinha morrido como morrem as flores que não são regadas. Você levantou, vestiu seu casaco azul de botões gastos e ainda teve a cara de pau de perguntar se eu queria café. Só consegui dizer que queria ir embora. Mas não queria, queria ficar, permanecer perto e aquecida. Foi aí que você ainda foi capaz de me oferecer uma carona - como quem faz um favor a um colega de trabalho... Mas o meu caminho só já havia começado. Foi neste momento em que eu tive a coragem de assumir o rumo das coisas e partir. Me desprender de você. De ativar cada célula do meu corpo para ser mais forte dali em diante. E cada célula do meu corpo disse que “sim, serei mais forte!”. Menos o meu coração... O meu coração não disse nada... O meu coração tinha sido arrancado de mim.

NERO - (da mini plateia, com voz impaciente) Ah, por favor!

A mini plateia se agita. Sons de “Shhh...” A atriz se desconcerta e retoma.

FERNANDA - No local onde antes pulsava um coração, acomodado entre meus pulmões e protegido pelo osso esterno, agora só há um vazio. Um buraco gelado e completamente escuro... oco... e insólito...

NERO - Peloamordedeus!

A atriz se desconcerta mais uma vez.

FERNANDA - Oco e insólito.

NERO - Sério mesmo?

FERNANDA - (com estridência) O que é que foi, hein?!?

Sons de burburinho que aos poucos vão se dissipando como se a plateia quisesse prestar atenção no que está acontecendo. Agora não sabemos se eles ainda estão ensaiando a peça ou se a confusão é real.

NERO - Ah, não! Isso é sério?

FERNANDA - Você está atrapalhando a peça!

NERO - Ah, eu estou atrapalhando a peça?

FERNANDA - Você está atrapalhando a peça.

NERO - Sabe, eu não entendo muito bem porque falar de amor hoje em dia no teatro. Tanta coisa acontecendo por aí... e você quer falar dos seus sentimentos... das suas inquietações...

FERNANDA - Ah, era para falar do quê?

NERO - O amor não passa de mais um dos artifícios que as pessoas usam para tentar dar sentido à vida, para tentar decifrar o mistério, descobrir o segredo, prever o destino... A vida não faz sentido, nós nascemos, vivemos e morremos aleatoriamente. Você pode ser feliz, triste, acomodado, depressivo e tudo isso é uma questão de sorte. O universo é uma explosão! O fim do amor tem tanto sentido quanto o começo: “Por quê? Por quê?” Porque ele não tem mais tesão em você. Porque ele se apaixonou por outra. Porque ele percebeu que é gay. “Por quê?”... Sei lá por quê. Também não importa!

FERNANDA - Ah, pra você, ser inteligente é ser desesperançoso?

NERO - Minha filha, o fracasso catastrófico é uma possibilidade para qualquer um!

FERNANDA - Olha, se você não está gostando do espetáculo, a saída é por ali. (aponta para a esquerda)

NERO - Não, não, não. Não é uma questão de gostar ou não gostar. É uma questão de não conseguir ouvir você falar essas barbaridades e se fazer de coitadinha.

FERNANDA - (pausa) Você acha que este é o melhor lugar para a gente ter este tipo de conversa?

NERO - Bom, você pelo jeito acha, né?

FERNANDA - Como assim?

NERO - (provocador) “Como assim?”

FERNANDA - Como assim?

NERO - Como assim “Como assim?”?! Não foi assim que as coisas aconteceram...

FERNANDA - (sarcástica) Ai, como você é pretensioso! Você deve achar que a peça fala sobre você!

NERO - (sarcástico) Ah, não é sobre mim?

FERNANDA - Não.

NERO - Você teve outra relação que terminou numa manhã de agosto...?

FERNANDA - (*vermelha*) Posso ter tido...

NERO - Ah, é?

FERNANDA - Sim, pode ter acontecido.

NERO - E é sobre quem então?

FERNANDA - Você não conhece.

NERO - Me diz o nome dele.

FERNANDA - Olha, primeiro de tudo, eu não tenho que ficar te dando explicação. E segundo que este é um texto de ficção.

NERO - Ah, você inventou tudo?

FERNANDA - Sim.

NERO - Até o casaco azul de botões gastos? (Ele apanha o casaco da poltrona e exhibe para o resto da plateia)

FERNANDA - (tentando disfarçar) Nossa, nem me lembrava desse casaco...

NERO - Que azar o seu de eu ter vindo com ele justo hoje, né?

FERNANDA - Isto não prova nada.

NERO - A peça se chama "Traidor bastardo"!!

FERNANDA - Seu traidor bastardo!

NERO - Isso já ficou infantil demais!

Neste momento, um ator vestido de urso, jaqueta de couro e óculos escuros segurando um capacete de moto diz:

MARCO - Que que tá acontecendo aqui?

FERNANDA - (escondendo o rosto) Aimeudeus, que pesadelo!

NERO - E esse aí quem é?

MARCO - Quem é você, meu camarada?

FERNANDA - Este é o meu namorado e esse é o traidor bastardo de quem eu já te falei.

NERO - Esse é o seu namorado?

FERNANDA - Desculpe se isso é um choque para você, mas eu tive que seguir com a minha vida!

NERO - Mas ele é um urso!

FERNANDA - Ai, você sempre com os seus preconceitos!

NERO - Preconceito?! Ele é um urso!

MARCO - Escuta aqui, meu camarada... Eu tenho nome...

NERO - Nome? Você é um urso amarelo vestido de motoqueiro!!

MARCO - Grrrr!

FERNANDA - Ai, tá vendo como você é arrogante! Foi por isso que você me perdeu.

NERO - (indignado) Que eu te perdi?!? Fui eu que terminei tudo! A gente está no meio da peça que você montou sobre isso!

MARCO - Olha aqui, cara, você já forçou a barra demais! (faz menção de avançar na direção do bastardo)

FERNANDA - Não, não! Pára! Ele já estava indo embora.

NERO - Eu não vou embora. Eu paguei ingresso e quero ver como é que acaba. Continua!

FERNANDA - Você vai ficar aí?

NERO - E tem outro lugar para ficar?

MARCO - Mermão, eu tô perdendo a paciência contigo....

De repente ouvimos apenas o som de um grito e uma queda.

Um Homem bala cai sobre o colchão de ar.

Uma poeira se levanta no ar.

Todos param. Silêncio.

O Homem-bala percebe que está atrás de um painel de praia.

RAFAEL - (alertando) Pessoal, cena!!!

(Nero passa por Eliezer)

ELIEZER - Olha, tô na praia!

MÚSICA: POTINHOS

(Luiz Felipe Leprevost / Thayana Barbosa)

Não, não falo de coração

Coração é piegas, careta

Coração tá fora de moda

Nada, nada de cantar coisas do coração

Nada de um coração que enfarta

Por sofrer de amor, nada

De um coração que foi triturado

Mastigado e jogado fora

Nada dessa fera

Que se auto devora

Que se auto destrói

E deixa no lugar um buraco gelado

Que quando venta, dói

Por favor, não ponha um marca-passo

No espaço do meu coração

Substitua o bagaço do meu coração

Tão manso e sem descanso

No seu pulso, no balanço, no bater

Ponha um daqueles potinhos

Com água e açúcar

Em que o beija-flor vem beber

Todos entram no palco com excessão do Homem-bala que segue deitado na "praia" e do bastardo que fica só e deprimido canta uma canção de amor. Aos poucos todos retornam e se juntam à música.

O URSO 2

A Atriz voltando da cena no palco.

FERNANDA - Você vai ficar aí?

NERO - E tem outro lugar para ficar?

MARCO - Mermão, eu tô perdendo a paciência contigo....

FERNANDA - (fragilizada) Por que que você tem que ser assim, hein?

NERO - Assim como?

FERNANDA - Assim cretino.

NERO - (cretino) Não sei do que você está falando...

FERNANDA - (chorando) Poxa, não basta tudo o que você já me fez?

NERO - (pausa, comovendo-se com o choro dela) Foi um tempo complicado...

FERNANDA - Auto-destrutivo...

NERO - Patético até...

FERNANDA - Patético.

NERO - Ah, eu sinto muito.

FERNANDA - Pelo quê?

NERO - Por tudo. Pelo nosso amor não ter dado certo, por ter interrompido a sua peça.

FERNANDA - Isto é sincero?

NERO - Você sabe que é.

FERNANDA - (desconfiada) Você sempre fala o que eu quero ouvir.

NERO - Aliás, me desculpe por tudo que eu falei sobre o amor. Eu não penso isso de verdade. Eu não vim aqui para brigar com você.

FERNANDA - Não veio?

NERO - Não. Eu vim te ver porque, no fundo, eu sinto a sua falta.

FERNANDA - Sente?

NERO - Posso ir até aí te dar um abraço?

FERNANDA - Mas eu tenho que continuar com a peça.

NERO - Isso não pode esperar!

Sons triunfais de violino começam a tocar. Neste momento, o urso bate o capacete nas costas do homem e o abocanha na jugular, derrubando-o no chão. A música para. O homem sangra até morrer.

MARCO - Perdeu, playboy!

Com a boca cheia de sangue, o urso toma a atriz pelos braços e a beija apaixonadamente. A música volta. Os dois terminam de se beijar e olham para a plateia sorrindo, ambos com sangue na boca. Aplauso e ovações. Eles agradecem.

ELIEZER - Eu tô na praia, pessoal.

Ninguém dá bola pro Eliezer.

RAFAEL - (interrompendo) Desculpa, vocês não têm cena aqui a pouco?

MARCO - (tirando a cabeça de urso) Ué, tô fazendo agora...

RAFAEL - Não aqui. Lá. (aponta para a direita)

MARCO - Caralho, é mesmo!

Todos saem correndo apressados e se aprontam para entrar no Palco. Esperam parados perto das pernas em silêncio.

MARCO - (se dá conta) Caralho, não é esse figurino agora!

EDITH - Mon Dieu!

Todos ajudam o Marco a tirar a roupa de urso e por o figurino certo. Entram em cena de forma destrambelhada. Apenas Nero fica na "coxia". Ele tenta ensaiar uma cena com um texto na mão. A tentativa é dura e insegura. Toda vez que esquece volta a ler no texto e repete a fala.

INFALÍVEIS

NERO - Vocês são todos tão infalíveis, não é? (checa o texto, retoma)

Vocês são todos tão infalíveis, não é? Vocês têm todas as respostas. Sabem todas as marcas.

Possuem todas as medidas certas e já calcularam todos os ângulos, entradas e saídas. (checa o texto, retoma)

...entradas e saídas. Sabem de cor o papel que desempenham e esse papel nunca muda. Já sabem do que se trata a peça, já decoraram o texto... (checa o texto, retoma)

Já sabem do que se trata a peça, já decoraram o texto, nunca perdem o ritmo ou improvisam. Não tropeçam. E quando caem, é sempre precisamente embaixo da luz. Tava combinado. (cheça o texto, retoma)

Tava combinado. Mas a vida é mais sólida do aquilo que se pensa ver. Na vida, todo dia é estreia e não tem ponto pra dar a deixa, nem tem chance de repetir a cena. (cheça o texto, retoma)

... repetir a cena... não tem chance de repetir a cena. A vida é como o traço do galho no cimento fresco - aquilo que se desenha é aquilo que vai permanecer na calçada. (assume uma certa naturalidade) Ninguém me perguntou, mas se querem um conselho de alguém que já está nessa peça há mais temporadas do que a maioria, eu diria: duvide. Volte no texto. Questione. Nunca fique confortável. (cheça o texto, retoma)

Nunca fique confortável. Pois como diz uma velha máxima do teatro: no dia em que se pensa que arrasou é nesse dia que a coisa foi uma merda mesmo.

Todos voltam alegres, dando risada.

MARCO - Arrasei! Arrasei...Viu que o Patrick Emanuel me olhou assim de lado?

EDITH - Sacre bleu...

RAFAEL - Foi ótimo. Eu tenho muito tempo de experiência, mas tô prendendo com você...

MÚSICA: BACTÉRIAS

(Alexandre Nero/ Edith de Camargo)

O abcesso é o acúmulo de pus

Glóbulos brancos e bactérias

Trepando no corpo debaixo da cruz

As bactérias

São organismos

Bem sucedidos

As bactérias são O Grande Sucesso

Na Rádio do SUS-cesso

A vida morre na fila do SUS-cesso

A vida morre na fila do SUS-cesso

A vida morre na fila do SUS-cesso

Marco senta ao lado de Eliezer.

MARCO - Agora, eu tô na praia também.

Os dois relaxam ao sol.

ELIEZER - (interjeição de prazer) Ahhh... a vida!

MARCO - O sol, a areia, o barulho do mar...

ELIEZER - Ahhh...

MARCO - Ahhh... O barulho do mar... Me lembra uma música.

Rafael estende uma esteira e se deita próximo dos outros dois.

ELIEZER - O quê?

MARCO - Disse que me lembra uma música.

ELIEZER - Ah! Qual?

MARCO - Não sei ao certo... uma dessas músicas de praia.

ELIEZER - Ai, ai... que vida boa!

MARCO - Sabe que música eu tô falando?

ELIEZER - Você não disse que música era...

MARCO - Essa que tá tocando.

Toca uma música. Os dois param para ouvir. Rafael cochila ao sol.

ELIEZER - Sim... Tô ouvindo.

MARCO - Relaxa, não é?

ELIEZER - Sim... Muito.

Tempo: os dois seguem relaxando.

MARCO - Eu estava pensando...

ELIEZER - No quê?

MARCO - Uma hipótese... Se você pudesse comer qualquer comida do mundo... qualquer comida, o que você escolheria?

ELIEZER - Feijão com arroz.

MARCO - Não. Você não entendeu a pergunta...

ELIEZER - Não entendi?

MARCO - Se você pudesse comer qualquer comida... Se você pudesse pedir qualquer coisa. Pode ser qualquer coisa mesmo. Do mundo. O que você escolheria?

ELIEZER - Eu escolheria feijão com arroz.

MARCO - Qualquer comida no mundo e você quer pedir feijão com arroz?!?

ELIEZER - Eu gosto de feijão com arroz.

MARCO - Mas você não está entendendo meu ponto. Pode ser lagosta, caviar, escargot, carnes exóticas... Sei lá... Javali!

ELIEZER - Javali é igual porco?

MARCO - Não sei, nunca comi javali.

ELIEZER - Então, por que você quer comer javali? Eu gosto de feijão com arroz.

MARCO - Você não quer experimentar outras coisas?

ELIEZER - Quero, mas não sei se eu vou gostar de javali. Feijão com arroz, eu sei que eu gosto.

MARCO - Você tem pouca ambição...

ELIEZER - Agora, meio que me deu fome.

MARCO - Você pode pedir qualquer coisa e quer uma coisa que você come todo dia.

ELIEZER - (metódico) Não como todo dia, só na segunda - que é dia de comer feijão com arroz. E, de vez em quando, feijoada no sábado - que também é o dia certo pra comer feijoada...

Rafael acorda num susto.

RAFAEL - Ãã!

MARCO - O que foi?!?

RAFAEL - Tive um pesadelo.

MARCO - Dessa cochilada?

RAFAEL - Sonhei que eu era um artista secundário num espetáculo esquisito. Ficava o tempo todo esperando pra entrar e nunca chegava a hora.

ELIEZER - Credo...

RAFAEL - Pois é.

MARCO - O que você escolheria se pudesse pedir qualquer comida no mundo?

RAFAEL - Isso não é tipo de coisa que perguntam pros condenados à morte?

MARCO - O quê?

RAFAEL - A última refeição. O sujeito antes de ir pro paredão, pode pedir o que ele quiser e o pessoal da cadeia arranja pra ele.

MARCO - Tá, mas se você pudesse pedir qualquer coisa, o que você pediria?

RAFAEL - Eu pediria pra viver...

MARCO - Não! De comida.

RAFAEL - Ah, sei lá!

MARCO - Qualquer coisa...

RAFAEL - Acho que arroz com feijão.

ELIEZER - Eu também!

MARCO - Sério mesmo?!?

RAFAEL - Claro, eu escolheria alguma coisa que me lembrasse dos bons tempos da vida. Da minha família, dos meus amigos. E acho que a comida que eu mais comi com as pessoas que eu amo foi arroz com feijão.

ELIEZER - Feijão com arroz, você quis dizer.

RAFAEL - Não. Arroz com feijão.

ELIEZER - (desconfiado) Péra, de que jeito você come?

RAFAEL - (resoluto) Do único jeito que tem.

ELIEZER - Qual você põe por cima do outro?

RAFAEL - Primeiro o feijão e depois o arroz.

ELIEZER - (indignado) Isso não faz o menor sentido!!!

RAFAEL - (agressivo) Não faz sentido tacar feijão em cima do arroz!!!

MARCO - Esse tipo de discussão não acontece com javali...

MÚSICA: ZACARIAS

Onde está Zacarias?

Amigo de Mussum

De Dedé, de Didi, de Mocó

Rococó

Aleijadinho

FOTÓGRAFA 2

Atriz entra em cena com uma câmera fotográfica. Super animada, para na frente de alguns e pede para que posem para a fotografia. Fala francês. Logo, passa a formar duplas e trios. Todos apáticos até o momento do clique quando então sorriem efusivamente. Ela exige uma foto do grupo todo. Tira três fotos.

Em seguida, vira-se para a plateia e passa a fazer o mesmo. No início, alegre e festiva (francês) e depois autoritária (alemão). Ela se cansa de falar e tirar fotos.

Volta para trás e uma música se inicia.

MÚSICA: QUE DIA SAI O CACHÊ?

(Alexandre Nero / Carmen Jorge / Carol Panesi / Edith de Camargo / Fernanda Fuchs / Gilson Fukushima / Marco Bravo / Rafael Camargo)

1 - Que dia sai o cachê?

- 2 - Tem muita gente na platéia
- 3 - Que público chato hoje
- 4 - Detesto esse figurino
- 5 - Ele tem mania de editar a cena. Sai pulando texto a hora que quer.
- 6 - Onde deixei minha guitarra?
- 7 - Sua guitarra estava em cima da comida
- 8 - Hoje está tudo uma merda, sim!
- 9 - O Marciano perdeu uma orelha e ninguém viu
- 10 - Hoje ninguém riu de porra nenhuma, nem quando a rainha mandou cortar a cabeça
- 11 - Cuidado com o fio
- 12 - Ih! Deu pau na luz, e agora?
- 13 - Eu quero um baseado! (Eu também!)
- 14 - Este cenário é pesado pra caralho!
- 15 - Escute a deixa, o Patrick Emanuel vai entrar mais uma vez
- 16 - Este musical está em cartaz há 10 anos e nunca troquei uma palavra com ele. Ah!
- 17 - Nunca vi o rosto dele
- 18 - Só vejo de lado ou de costas
- 19 - Vamos acabar logo com isso
- 20 - Só aceitei porque não sabia o que era
- 21 - Tá fedendo esse figurino
- 22 - O Camareiro está com diarreia
- 23 - A violinista está de TPM
- 24 - O pianista tem muita seborréia
- 25 - O diretor está com gonorréia
- 26 - Só a bailarina que não tem!

Todos voltam as suas posições de antes da música.

AFETAÇÃO

Um grupo está próximo às pernas do palco assistindo ao espetáculo.

FERNANDA - Ele tá em cena?

NERO - Tá. Isso é o que eu tava vendo.

FERNANDA - Como é que ele não cansa de fazer esse espetáculo, né?

NERO - Pelo menos, ele tá fazendo alguma coisa. E nós? Que tamo aqui parado.

FERNANDA - Como é que ele faz pra decorar todas essas falas? Fico besta.

NERO - Acho que ele meio que vai inventando algumas também. Não é ali tudo igualzinho como tá no texto.

FERNANDA - Será?

NERO - Certeza. Vocês nunca leram o texto do espetáculo?

Tempo. Constrangimento.

FERNANDA - Ah... li assim, né? Tipo, não liii... Mas li.

MARCO - Eu só sei minhas deixas.

RAFAEL - E olhe lá, né?

MARCO - Às vezes, dou uma erradinhas.

RAFAEL - Às vezes, sempre.

NERO - Aliás...

MARCO - Caralho! (entra em cena correndo)

Tempo. Contemplação.

NERO - Vem cá, sou só eu que acho que esse Patrick Emanuel não é lá grande coisa?

FERNANDA - É só você.

Tempo. Todos tomam alguma coragem pra romper o silêncio.

RAFAEL - (maledicente) Então... eu meio que acho ele... Não sei...

NERO - Você acha bom?

RAFAEL - Não...

NERO - Você acha ruim?

RAFAEL - Não...

FERNANDA - Ah, você se acha melhor que ele?

RAFAEL - Não. Não disse isso! Disse que pra estar onde ele está, ele deveria ter mais...

NERO - É, olha lá! Vê se isso é jeito de ficar em cena...

RAFAEL - Tudo meio ...

NERO - Falta verdade, né?

RAFAEL - Isso! Falta ver-da-de.

EDITH - Sabe que agora que vocês falaram, eu tô vendo.

NERO - Né?!?

EDITH - É. Tem uma certa... como fala? Afetação.

NERO - A-fe-ta-ção! Achou a palavra!

Marco volta do Palco.

FERNANDA - Gente, mas não importa. Importante é que ele é bonito.

RAFAEL - Também nem acho ele tão...

NERO - Na verdade, ele não é bonito. A gente é que se acostumou com a cara dele.

FERNANDA - Não, gente, ele é bonitão, vai...

EDITH - Ele não é exatamente bonito, ele é... charmoso.

NERO - Charmoso?!?

EDITH - Charmoso, sim, ué...

NERO - Ah, por favor!

RAFAEL - É... Pra quem gosta desse tipo de beleza, né? Meio... sabe..?

MARCO - Mas pra tá lá... Pra tá la, tinha que ser alguém tipo muuuito foda.

FERNANDA - Nem sei se existe alguém tão foda assim como vocês tão falando...

MARCO - Ah, eu já trabalhei com gente foooda!. Tipo foda pra caraaalho!

FERNANDA - De quem você tá falando?

MARCO - Quer saber mesmo? Não vou o dizer o nome, mas vocês vão saber quem é...

FERNANDA - Fala!

MARCO - Vou só dizer que já ganhou todos os prêmios de teatro do país e tem até prêmio de cinema internacional!

NERO - Fez TV?

MARCO - Fez, mas é boa.

FERNANDA - Ai, é quem eu tô pensando?

MARCO - Essa mesmo. Que atriz!

NERO - Ah, essa é foda mesmo!

MARCO - Uma lady, sabe? Trata os outros atores como iguais! De uma humildade, de uma simplicidade, de um taleeento! Aí, sim! Todo mundo, sabe? trata bem desde... os... os coadjuvantes até o... o... contra-regra. Sem querer ofender ninguém... (olha em volta)

MARCO - Mas... né? Não é sempre que uma atriz com o sucesso dela tá disponível.

RAFAEL - É, chega num ponto que a pessoa não faz qualquer coisa.

MARCO - Ah, mas não faz mesmo! Não faz meeesmo!

RAFAEL - Tem uma... tem uma obra nas costas. Não é... um trabalhinho ali pra ganhar dinheiro. Artiiista!

MARCO - Artista.

RAFAEL - (tentando achar a palavra) Não é...

MARCO - (concordando) É.

Tempo. Satisfação geral.

NERO - (crítico) Ó, lá! Errou a deixa o Patrick...

MARCO - (impaciente) Taqueopariu, viu?

Tempo.

FERNANDA - Ah, gente, mas também esse texto não ajuda!

RAFAEL - Esse texto é complicado...

NERO - Vamos falar mal do texto agora?

FERNANDA - É que, sei lá... essa coisa de metalinguagem já tá tão batida...

RAFAEL - É... É uma tentativa.

FERNANDA - Uma tentativa de fracasso, no caso.

RAFAEL - Isso é paradoxo.

FERNANDA - O quê?

RAFAEL - É um paradoxo. Uma contradição. Toda tentativa é necessariamente uma tentativa de sucesso.

FERNANDA - Mesmo que fracasse?

RAFAEL - Claro. O objetivo de toda tentativa é o sucesso.

FERNANDA - Mas e se o objetivo da pessoa for fracassar?

RAFAEL - (irritado) Por que alguém iria tentar fracassar?

FERNANDA - Não sei, tô supondo.

NERO - Boa pergunta. Se a pessoa tenta fracassar e consegue, isso significa que ela teve sucesso?

Tempo.

RAFAEL - Acho que sim.

NERO - Mas ela fracassou.

RAFAEL - Mas ela teve sucesso em fracassar - o que já é alguma coisa.

NERO - Mas e se ela fracassa em fracassar significa que ela teve sucesso?

RAFAEL - Aí, ela fracassou mesmo...

EDITH - Gente, é matemático! Dois negativos fazem um positivo.

RAFAEL - Isso não tem nada a ver com matemática.

EDITH - Tudo tem a ver com matemática. O universo todo é matemática!

NERO - O universo é uma explosão!

FERNANDA - Mas, moralmente, dois errados não fazem um certo.

NERO - Será que não?

FERNANDA - Não.

RAFAEL - Acho que depende do ponto de vista.

NERO - E se a pessoa tem sucesso em algo que ela não desejou, significa que ela fracassou?

EDITH - Tem um ator famoso que disse que, para a crítica, você só é tão bom quanto o seu último trabalho.

RAFAEL - É verdade...

FERNANDA - É verdade, as pessoas esquecem rápido. Só pensam no agora e no daqui-a-cinco minutos.

RAFAEL - Só.

FERNANDA - Quem disse isso? Isso do último trabalho?

EDITH - Foi um ator famoso. Aquele bem famoso, já ganhou prêmio e o escambau.

MARCO - Aquele dos filmes de espião?

EDITH - Não, você tá confundindo com aquele que faz filme de super-herói.

NERO - Mas não é o mesmo?

EDITH - Claro que não. Aquele dos filmes de super-herói é casado com aquela atriz do comercial de tintura de cabelo.

NERO - Uma morena?

EDITH - Sei lá. Ela vive trocando a cor do cabelo...

MARCO - Não, você tá confundindo. Essa da tintura de cabelo nem casada é. Aliás, vive trocando de namorado.

FERNANDA - (fofoca) Não foi essa que namorou o Patrick Emanuel?

NERO começa a perguntar Quem? De quem vocês tão falando?

EDITH - Não... o Patrick Emanuel namorou aquela do iogurte.

FERNANDA - Iogurte? Aquela que fez aquele filme de época?

EDITH - Péra, qual época?

FERNANDA - Uma época antiga. Tinha uns cavalos...

EDITH - Cavalos?

FERNANDA - Que tinha uma cena num lugar assim... bem antigo... bem de época mesmo.

MARCO - Ahhhhh! Já sei de quem você tá falando.

FERNANDA - Sabe?

MARCO - Sei. Uma que fazia umas peças esquisitas, experimentais?

FERNANDA - Isso. Bem esquisitas. Bem experimentais.

MARCO - Uma loira?

FERNANDA - Essa mesmo!

EDITH - Pois é, onde é que anda aquela?

FERNANDA - Tá sumida...

EDITH - Sumida, né?

FERNANDA - Nunca mais ninguém viu.

NERO grita: De quem é que vocês estão falando?!?

RAFAEL - "A memória é muito curta".

NERO - Como é?

RAFAEL - Eu disse que a memória é muito curta.

NERO - E onde é que você quer chegar?

RAFAEL - Eu tenho papéis na minha casa. Eu deixo esse papéis espalhados por todos os cômodos. Esses papéis servem como lembretes para mim. Sabem o que eu escrevo nesses papéis?

NERO - O quê?

RAFAEL - "A memória é muito curta".

ELIEZER - (concordando) A memória é muito curta mesmo...

RAFAEL - (assustado) Quem é você?!?

ELIEZER - Eu? Eu sou Siddhartha Gautama, o Buda, aquele que se iluminou. E minha mensagem é a de que todos somos criaturas desajustadas e tristes fadadas ao fracasso. Sucesso material nunca irá nos satisfazer.

RAFAEL - Maluco...

ELIEZER - Devemos aprender a renunciar nosso desejo e escapar dos ciclos constantes de querer e ansiar.

FERNANDA - (interrompendo ele) Aquela cena!

ELIEZER - Porra, caralho!

Todos correm para assistir a cena que se passa no Palco. Todos estão amontoados assistindo uma cena (todos juntos):

MÚSICA: SÓ

(Antônio Saraiva)

só o que a distância diz

só o que a tempestade tem

só o que a lembrança além

só o que no corpo cor
só o que na sombra som
só o que no sempre sem

só o que por tudo tu
só o que por nunca nu
só o que por entre em

Tempo.

Ficam em silêncio.

Aplausos efusivos da plateia. Todos ficam felizes.

RAFAEL - Agradecer, agradecer! Vamos!

Eles vão ao Palco receber as palmas. Ouvem-se aplausos efusivos. Eles voltam à coxia sorridentes. Um contra-regra entra carregando um biombo e monta na frente da penteadeira.

MARCO - Pessoal, liberar a coxia! Vamos liberar a coxia pra saída do Patrick Emanuel. Liberando!

O mau humor é geral. Falam ao mesmo tempo:

EDITH - Acho um desaforo a gente ter que sair daqui pro cara só tirar o figurino...

NERO - Estrela!

RAFAEL - Diva! Não pode tirar o figurino no camarim?

EDITH - Não sei se passa pela porta...

NERO - O figurino não é tão grande assim... claro que passa.

EDITH - Quis dizer o ego dele.

Todos saem rindo. Patrick passa para detrás do biombo embaixo de uma capa preta de cetim. Há um manequim ao lado do biombo. Uma atriz volta à coxia com passos lentos.

FERNANDA - Com licença. Oi? Tô entrando... Desculpa. Esqueci minhas coisas aqui atrás. Tá tudo aqui, minha carteira, meu celular, minhas chaves de casa. Desculpa. Oi? Alguém?

Vemos o braço de Patrick Emanuel que passa a colocar as roupas no manequim. Começando pelo casaco. A atriz observa assombrada a certa distância.

FERNANDA - Desculpa... Eu sei que não era pra eu estar aqui. Eu sei que eu não devia nem estar falando com você. Desculpa. Desculpa, eu sei que é chato, mas eu não podia perder a oportunidade de falar com Patrick Emanuel. Desculpa, mas eu só queria dizer... se eu puder... ai, tô nervosa. O espetáculo todo eu fico nervosa. Não sei se o senhor ainda fica nervoso... Imagina! Acho que um grande artista como o senhor não fica nervoso mais, né?

Vemos a calça.

FERNANDA - Tudo o que eu queria era ser uma grande artista, uma artista reconhecido.

Vemos uma cinta abdominal. Faz uma pequena pausa e retoma.

FERNANDA - Se eu fosse uma grande artista, eu entregaria a minha vida para a multidão, mas sabendo que para eles a felicidade seria de eles serem elevados à minha altura e eu deixaria que eles me levassem numa carruagem.

O braço de PATRICK põe uma peruca, o bigode e os óculos escuros no manequim.

FERNANDA - Pela glória, eu suportaria qualquer coisa: a reprovação da minha família e dos amigos. Eu viveria num porão, eu comeria pão seco, eu agonizaria em meus tormentos.

O braço posiciona uma perna no manequim. Faz outra pausa, estranha, mas logo retoma.

FERNANDA - Eu faria peças esquisitas, sem grana, sem água no camarim. Sem camarim. Entraria em cena só de biquini e diria obscenidades.

Agora, põe outra perna.

FERNANDA - Eu começaria a correr. Eu deixaria de comer doce. Eu deixaria de beber. Eu deixaria recado. Eu retornaria a ligação.

O braço posiciona no manequim um outro braço.

FERNANDA - Eu rezaria e faria promessa. Eu pagaria a promessa. À vista e em dinheiro. Eu sorriria pra câmera. Eu mentiria pro espelho. Mas seria sincera.

Agora, põe o outro braço.

FERNANDA - Eu madrugaria cedo e ajudaria Deus. Eu lavaria a louça. Eu lembraria o texto e acertaria a marca. Eu faria qualquer coisa. Qualquer coisa. Mas, em troca... (deslumbrada) em troca, eu exigiria a glória!

A atriz olha para trás e vê o manequim de Patrick perfeitamente montado como um Patrick de madeira. Tempo.

FERNANDA - Seu Patrick Emanuel? Patrick?

A atriz vai até o biombo e o abre num movimento só. Não há nada atrás do biombo. Sozinha no palco, ela fica confusa e desorientada, olha para a plateia.

MÚSICA: POEMA EM LINHA TORTA

(Alexandre Nero - baseado no poema de Fernando Pessoa)

**Nunca conheci alguém que tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.
E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
E Eu, tantas vezes pulha,
Indesculpavelmente sujo, ridiculamente bufo
Toda essa gente que fala comigo
Nunca arriscou o ridículo
nunca sofreu enxovalho
Nem nunca manchou seu currículo
Nunca bancou o paspalho
Nem nunca frequentou prostíbulo
Nem nunca foi salafário
E jamais cresceu-lhe um furúnculo
Nunca foram senão príncipes - todos eles príncipes
Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confesse não um pecado, mas sua infâmia;
Que assuma sua covardia nessa rapsódia vadia.
Que me confesse que já foi vil, Que assuma que desejou o mal
E foi mentecapto, ilícito, arbitrário, bactéria ou corrupto
Não, são todos o Ideal, se os ouço ou me falam, são todos o Ideal
estou farto de semideuses!**

Onde é que há gente no mundo?

Mas que bom que somos todos bons

Todos santos

competentes, Imaculados, infalíveis, invioláveis....e inocentes

...E CERTA VEZ

Um ator começa a se vestir de coelho, outro de urso. A atriz volta até a penteadeira. Um ator senta no proscênio, o outro fala para o público.

NERO - ...e certa vez, Deus me visitou em sonho.

MARCO - O quê?

NERO - Verdade. Essas coisas acontecem. Podem checar na Bíblia. Podem verificar no texto. No roteiro. No programa. Onde quer que vocês acreditem. Podem ver. Está lá pra ver.

MARCO - Aliás, você sabia que a palavra "teatro" vem do grego "theatron" que significa local onde se vai para ver?

NERO - Bom, retomando: certa vez, Deus me visitou em sonho. Ela não disse que era Deus, mas eu sabia que ela era Deus.

MARCO - Ela?

NERO - Sim, ela era Deus. Tem coisas que a gente sabe meio sem ter que perguntar. Está implícito.

MARCO - Como no teatro?

NERO - Oi? É. Como no teatro. Não é? Você vai ao teatro e meio que já sabe aquilo é de mentira, mas finge que acredita.

MARCO - Tá combinado.

NERO - Tá combinado. Da mesma forma, que no dia em que vocês sonharem com Deus, também já vão saber que é ela. Aí, tô eu lá com Deus e não posso perder tempo. Não sei quanta eternidade ela tem pra gastar comigo. Já disparo de pronto: qual é o sentido da vida?

MARCO - Qual é o sentido da vida?

NERO - Qual é o sentido da vida? Pois, claro! Essa talvez seja a única pergunta que valha a pena a gente perguntar mesmo. Sabe o que ela me falou?

MARCO - O quê?

NERO - Querem saber? Finjam que querem saber. Ela me falou que não podia me dizer qual era o sentido da vida.

MARCO - Aaaa...

NERO - Apenas como a vida funcionava.

MARCO - Opa.

NERO - E parece que a vida funciona assim: começa, aí acontecem coisas e, aí, acaba. "E é assim toda vez?" "Toda vez." Começa, acontecem coisas e acaba.

MARCO - Igual ao teatro?

NERO - É. Igual ao teatro. Finjam que entenderam. Deve ser por isso que se dá parabéns no aniversário. "Parabéns pelo quê?" "Por ter sobrevivido. Por sua vida ainda não ter acabado."

Provavelmente, isso fazia mais sentido quando as pessoas eram constantemente atacadas por animais selvagens. Sem querer ofender ninguém...

MARCO - Tá tudo certo.

NERO - O problema é que tem gente que esquece isso. "A memória é muito curta." Esquece que uma hora acaba. O tempo passa e uma hora acaba.

MARCO - Igual ao teatro?

NERO - É! Porra! Igual ao teatro, caralho! Aí, a pessoa vai ao teatro tentar achar algum sentido. Alguma explicação pra tudo isso. Mas nem sempre tem explicação. Quer dizer, nem sempre é tudo tão claro no teatro.

MARCO - Ah, não mesmo.

NERO - Nem sempre vem tudo mastigadinho. É uma experiência. Igual a vida. Finjam que entenderam... Nós continuamos sendo constantemente atacados por animais selvagens. (para o público) Sem querer ofender ninguém. Atacados diariamente por bactérias, vírus, açúcar, sal, câncer, ódio, traumas, frustrações... E estamos aqui agora é porque sobrevivemos e merecemos todos parabéns.

MARCO - Ela disse isso?

NERO - Ela quem?

MARCO - Deus.

NERO - Ah, não! Tava aqui pensando alto.

MARCO - (grande ideia) Pensando alto como no teatro!

NERO - (dessa vez, sorrindo) É. Como no teatro! A pessoa vai ao teatro e fica olhando no relógio. "Quanto tempo pra acabar ainda?" Percebem? Ela sabe que vai acabar. A vida também. Mas ninguém olha no relógio e pensa "quanto tempo pra acabar a vida?" Vai acabar também. Começa, acontecem umas coisas e acaba. Não me disse mais nada. Deus.

MARCO - Ela.

NERO - Sim. Eu fingi que entendi. Finjam também.

Tempo.

MARCO - (para o outro) Será que já tá na hora?

NERO - Acho que sim. Vamos?

MARCO - Bóra.

O pianista retoma a música inicial. Os dois se levantam e vão para o camarim. A “coxia” está vazia a não ser por um pianista usando um fone de ouvido e ensaiando freneticamente ao piano. Sai uma atriz apressada e apaga as luzes da penteadeira. O piano continua. Chegam outros atores, alguns com pressa, outros nem tanto. Aos poucos a cena se esvazia novamente. Mas o piano continua. Uma atriz entra, para diante do pianista e faz sinal para ele tirar o fone e diz:

CAROL -Vai começar de novo!

FABIO - Já?

CAROL - Agora!

O pianista não para de tocar. A luz cresce no Palco e diminui na “coxia”.

A “coxia” parece vazia, mas o pianista continua lá.

De repente ouvimos apenas o som de um grito e uma queda. O Homem bala cai sobre o colchão de ar. Uma poeira se levanta no ar

Silêncio.

Blecaute.